

CENTRAL DO BRASIL

por Márcio Padilha

"A gente devia andar só de ônibus. Nunca táxi! O ônibus tem um caminho certo. Tem um lugar certo. Já o táxi, não! Ele toma um rumo qualquer e depois se perde..."

Isadora Texeira, via Fernanda Montenegro,
em Central do Brasil.

O drama se apresenta através de uma ótica holisticamente existencial expressada através de uma triplicidade composta por dois elementos antagônicos entre si e pela relação destes para com um terceiro que necessariamente se relaciona ao livre-arbítrio dos personagens para consigo próprios e/ou destes para com os demais. Isto ocasiona uma série de definições e redefinições, intrínsecas e extrínsecas, quanto à função dos personagens em relação a si próprios, destes para com os demais e, por conseguinte, de todos para com o todo. Em contrapartida, apõe-se a tal triplicidade a religiosidade vista sob o prisma católico da Santíssima Trindade onde Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo, apesar de individuais, comungam do dogma da inter- e intra-existenciabilidade.

A estória, protagonizada por Dora, Fernanda Montenegro, e por Josué, Vinícius de Oliveira, se desenrola em função do ofício de Dora, escritora de cartas, na Estação Central do Brasil na Cidade do Rio de Janeiro.

Dora domina o instrumental necessário para viabilizar a materialização do imaginário utópico da realidade presente no micro-universo que compõe a Central do Brasil. Em consequência, decorrem-se várias narrativas que retratam uma torrente de sentimentos e emoções básicos à humanidade, das quais a dor inerente ao viver se manifesta sob diversas facetas; dentre as quais, exemplifica-se, a dor emocional, a traição, o desamor e, inclusive, a paixão; todavia vã por se exibir sob uma ótica sexual que, embora forte e expressiva, é direcionada, em âmbito geral, a um receptor específico, reforçando, outrossim, as falhas e imperfeições do plano terrestre, em detrimento quanto ao do etéreo, ao invés de aprimorar o mesmo.

O *continuum* torna-se passível a alterações via Ana, Sôia Lira, nordestina retirante, que compõe um dos semblantes que sustentam o universo da Central do Brasil.

Ao ver Dora sentada em sua banca, Ana a contrata para escrever uma carta a "Jesus", o marido que abandonara no sertão de Pernambuco. No texto da missiva, Ana destila seus vários rancores e ressentimentos quanto ao alcoolismo de seu marido, fator que a compeliu a ir para o Rio de Janeiro. "Jesus, você foi a pior coisa que podia

ter me acontecido", relata ela através da mão de Dora, atentando, em primeira instância, contra ao Sacro Ofício do Deus Filho e, assim sendo, negando a recompensa da fé e questionando a existenciabilidade do bem.

Entretanto, Ana, sob a alegação de que Josué, seu filho concebido com Jesus em Pernambuco e parido sem a presença paterna no Rio de Janeiro, quer muito vir a conhecer seu pai, se dispõe ao sacrifício de retornar ao sertão. Percebe-se, então, que Ana deixa transparecer a necessidade da desculpa para a performance de seus atos e a presença subliminal de medo à possível decepção face à realidade que goza seu Jesus, até então por ela desconhecida.

Dora, ao regressar para casa no final do dia, chama Irene, Marília Pêra, ao seu apartamento para que ambas executem um escrutínio às cartas, fruto do trabalho daquele dia. Durante a leitura, aponta-se debochadamente o ridículo da surrealismo utópico compartilhado pelos vários brasileiros de diversas regiões do país que unem suas individualidades neste caldeirão que é a Estação Central do Brasil, local que intrinsecamente comporta os vários "Brasis" que tipificam o Brasil. No transcorrer desse escrutínio postal, Irene se depara com a carta de Ana e, após lê-la, critica Dora por não crer que a missiva tem importância suficientemente significativa para ser postada. Reprendida por Dora, a Irene é facultada duas opções: pôr a carta na gaveta para ser despachada posteriormente ou pô-la diretamente no lixo. Irene, recriminando Dora por seu comportamento moralmente errático, retalha referindo-se a tal gaveta como "purgatório", o que remete novamente à religiosidade com a alusão à plausibilidade de que, por vezes, aqueles que não pecaram possam vir a ser repreendidos e castigados por atos que não cometeram. Entretanto, neste universo onde o oportunismo e a necessidade lutam tão intensamente entre si, é Dora que, abusando da credulidade de seus fregueses quanto ao serviço por ela prestado, se dá o direito à onipotência e incorpora a figura de Deus Pai, controlando o destino de cada indivíduo ao despachar ou não cada carta, como lhe for apraz.

Outro dia, outro capítulo na vida do caldeirão da Central do Brasil. As portas do trem se abrem e o ciclo da vida se reinicia naquele micro-universo. Ana, passando novamente pela banca de Dora, para e indaga a respeito da carta previamente escrita para ela. Dora, confessando ainda não tê-la postado, retrata-se, informando que iria remetê-la naquela tarde. Enchendo-se de felicidade, Ana denota um intenso confronto e auto-resolução com sua realidade interior, admitindo ter decidido enviar outra missiva, com texto menos áspero, a seu marido. Dora, ativamente onipotente, agarra qualquer carta em sua banca e a rasga dizendo não haver problema. Após iniciar a dicção textual, Ana revoga seu mandato e solicita a Dora que o execute: "A Senhora que tem experiência, me diz aí: o que eu digo?" tornando Dora onipotente, ainda que passivamente, uma vez mais. Ao acabar a redação de um texto no estilo "chavão", Dora, abusando da ingenuidade e, por conseguinte, da credulidade da freguesa, oferece um desconto já que não chegara a postar a sua primeira carta. Ana, satisfeita, paga e deixa o ambiente sem questionar o *status quo*.

Ao sair da Central do Brasil, Josué, junto à segurança da mão de sua mãe, enfrenta o macro-universo representado, nesta instância, pela Cidade do Rio de Janeiro. Navegando através de um emaranhado de braços que cruzam uma avenida em todos os sentidos, Josué tem seu peão lançado contra o fio da calçada. Largando bruscamente da mão de Ana para reaver o objeto, o caos se estabelece devido à ações e reações inesperadas que

culminam com a brutal morte de Ana, atropelada por um ônibus, fato este que desestabiliza o *continuum* por completo.

Ao ver o acontecido, Dora, em um minuto de consciência e retidão quanto a princípios morais, percebe a realidade que irá se desenrolar a frente de Josué. **Seu Pedrão**, Otávio Augusto, que representa a obscuridade e a perversão do caos social brasileiro permeado ao universo da Central do Brasil, onipotente em seu próprio estado de ser - diz, confirmando a Dora, que "uma mulher" morreu. Isto litiga o valor e a importância quanto à vida. Cria-se, então, novamente outra relação tríplice: Dora, a onipotente; Josué, o impotente e a relação destes entre si em de um para com o outro caracterizando o elemento independente.

A partir de então, a Central do Brasil, com todas as suas viciosidades, passa a ser o macro-cosmo de Josué que, impotente, se encontra exposto ao Darwinismo Social.

Outro dia, outro conjunto de ações e reações. Josué, exposto, localiza Dora e a "ordena" que escreva uma carta a seu pai. Dora, afrontando-o com a demanda de pagamento ante à execução do trabalho, manda que se retire, reforçando a relação de onipotente-impotente e fazendo com que a mesma venha a emergir com simetria à condição de opressor-oprimido; o que cria, neste momento, um ápice gerando um profundo questionamento sócio-moral quanto às condições em que a ajuda pode e/ou deve ser concedida.

O final do dia chega e Dora retorna para casa. Josué, fitando-a intensamente, persegue Dora através da Estação e pela plataforma até que a mesma embarca no trem, o que lhe causa imenso mal-estar e culpa já que a mesma é, então, obrigada ao auto-confronto e a tecer uma avaliação sobre sua conduta moral em relação à tal situação. Entretanto, envolver-se com Josué causa uma inconveniência a Dora, o que a propicia a relutar. O trem parte; Josué fica na plataforma. Ao voltar ao cerne do universo da Central do Brasil, Josué fita uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, denotando novamente o elemento tríplice: quem desampara na pessoa de Dora, quem está desamparado na pessoa de Josué e, como elemento independente, o questionamento maior a respeito da função do destino e do papel da Graça Divina no desenrolar dos atos.

Outro ciclo se dá início. Os trens abrem suas portas e as pessoas invadem a Central do Brasil, o que, de certa forma, alude à função sangüínea. Neste ciclo, contudo, é a consciência de Dora que, perturbando-a, na qualidade de elemento independente, lança o preâmbulo para o desenrolar deste seguimento estória.

Ainda que superficialmente indiferente ao problema, Dora, atormentada ao ver Josué dormindo jogado ao chão da Estação, se aproxima oferecendo-lhe comida. Permeando a isso, um roubo, no qual o assaltante é perseguido, capturado e exterminado por Seu Pedrão, causa outro transtorno no *continuum*, o que leva ao questionamento do real *status quo* do devido processo denunciando que a intensidade do castigo não é correlata à intensidade da infração ou pecado, ponto este, complementar a premissa anterior referente ao castigo indevido.

Josué, abordado por seu Pedrão, é defendido por Dora: "Eu conheço o menino, Seu Pedrão". Quebra-se a indiferença entre o onipotente/opressor e o impotente/oprimido constituindo o primeiro passo de uma série que redefinirá os papéis e funções no *continuum*. Contudo, a quase pseudo-retidão moral de Dora é tentada e ela cede ao oportunismo. Levando Josué para sua casa, ela o limpa e alimenta. Irene chega e conhece o menino. Ao conversarem após a refeição, Josué pergunta: "Quem é que cuida de vocês?" denunciando a carência. Irene parte. Dora, distraída lavando a louça, não percebe que Josué descobre o "purgatório" e, ademais, a carta que sua mãe havia, dias antes, pago Dora para escrever. Dora o pega no ato. Dentre a discussão que transcorre, Dora lhe diz: "Quem você pensa que é?" Questiona-se, então, o direito de fato da privacidade em si, denotando-se, de igual modo, a hierarquia social.

O Darwinismo Social, fomentado pelo oportunismo, surge à tona novamente no ciclo seguinte onde Dora, juntamente com Seu Pedrão, vende Josué no mercado imoral e ilícito de seres humanos tendo **Yolanda**, Stela Freitas, como intermediária. Josué, deparando-se com a frustração, se vê face a outra tríplice relação: confiança depositada, confiança depositada traída e, como elemento independente, o ato de confiar ou não no futuro simbolizando a história do Deus Filho.

Com os proventos da negociata, Dora compra uma TV nova tão moderníssima que sequer consegue operá-la. Aponta-se, então, que o querer descabido sem o necessitar justificável se auto-converte em ganância voraz. Irene, ao visitar Dora naquele dia, questiona a respeito da procedência do dinheiro utilizado para a compra do televisor. Sob qualquer pretexto, Dora desconversa e relata ter entregue Josué à custódia do Juizado de Menores. Irene, insatisfeita com a resposta da amiga, reluta e obtém de Dora a confissão de que o menino havia sido vendido. Recriminando-a intensamente, "Dora, tudo tem limite", Irene parte. Dora, passando a noite sem dormir por estar imersa em culpa, resolve remitir-se do pecado indo até o local e "roubando" o menino de volta. Quebra-se a indiferença uma vez mais. O *status quo* do *continuum* altera-se permanentemente já que, analogamente, há a refração absoluta do espectro quanto à função: o onipotente passa a defender quem previamente oprimia e o impotente passa a ser defendido pelo seu prévio opressor. Sucumbe-se a indiferença, ainda que não a turbulência, em âmbito permanente.

As funções, a partir deste momento, não que se redefinir visto que ocorre o abandono do micro-universo em favor ao macro que, nesta instância, se representa pela aventura em busca de Jesus, aludindo ao ideal cristão. Dora, juntamente com Josué, rumo ao sertão na tentativa de localizar o pai do menino. A relação tríplice agora se compõe pelo firmamento claro e límpido, cujo tom de azul alude ao Manto de Maria que, por sua vez, simboliza a Sua Graça e pela cor vermelho-alaranjada do solo, aludindo ao mal, em justaposição à estrada, como elemento independente, que os leva ao desconhecido; o que, por sua vez, gerará uma série de ações com suas respectivas conseqüências em função das decisões serem tomadas em relação aos primeiros dois elementos. A onipotência e a impotência dos personagens se comutam com intensidade proporcional à troca do universo redefinindo a realidade do *status quo* intra, inter e extra-pessoal.

Contudo, não obstante à decisão de acompanhar o menor, Dora vacila quanto à propriedade de sua obrigação face a Josué. Ela tenta abandoná-lo, durante a viagem, enquanto o mesmo dormia. Entretanto, quanto ao âmbito moral, há que se notar a retidão, pois ela, antes de debandar, põe praticamente todo o seu dinheiro na mochila do menino e o recomenda à tutela do motorista. Josué, entretanto, abandona o ônibus, que parte com sua mochila e, por conseguinte, todo o dinheiro que tinham, deixando-os no mais absoluto estado naturalista. Dora, enfadada, o agride verbalmente: "Antes você não queria saber de mim! Agora você não quer saber de me largar, moleque!", o que denota uma brusca e radical mudança nas funções visto que o onipotente se sente impotente e o desamparado se sente amparado junto a quem lhe desamparava.

Expostos, Dora e Josué quebram o protocolo social para com César, Othon Bastos, ao imporem, com sua linguagem corporal, que ele lhes oferecesse parte de sua refeição. César, caminhoneiro, viabiliza o prosseguimento da viagem e, posteriormente cria outra relação tríplice.

Em um dado ponto, Josué rouba comida de um armazém e vem compartilhá-la com Dora, que, por sua vez, se enfurece e exige todas as mercadorias para que possa retornar ao armazém e devolvê-las. Ao chegar no armazém, onde César, evangélico, se encontra conversando com o dono do estabelecimento, seu amigo e "irmão de fé", Dora, ao invés de devolver as mercadorias, rouba ainda mais. Ao sair do estabelecimento, é confrontada pelo dono e defendida por César que a poupa do vexame. Uma vez de volta ao caminhão, Dora apresenta a comida roubada a Josué dizendo-lhe que comprara "tudo aquilo" com um pouquinho de dinheiro que lhe sobrara. Há, então, um questionamento intenso sobre a decência moral versus a sobrevivência sob a luz da religiosidade entoando que roubar é moral e religiosamente errado e, de igual maneira, se considera o suicídio; mas o ato de não roubar comida implica necessariamente em uma forma lenta de suicídio penoso, o que leva à hipótese de que um pecado se auto-eximiria em função de que este viria a evitar a execução de outro, motivo o qual levou São Francisco de Assis à Canonização: roubava de sua riquíssima família para distribuir à riqueza junto aos pobres de Assisi, sua Cidade natal na Itália. . O *continuum* é lançado em paradoxo. Assim sendo, nesta relação tríplice, Dora simboliza o reino terrestre e as convicções religiosas de César simbolizam o reino etéreo, o que suplantam nele o papel de Espírito Santo, visto que o mesmo tem liberdade de escolha para comutar entre o terrestre e o etéreo, constituindo-se, assim, no elemento independente.

Na etapa seguinte, a opção de César em favor ao etéreo coloca Dora na posição de fragilidade e desalento que era primeiramente sofrida por Josué. A função se reverte. O desamparado/oprimido passa a amparar seu opressor. O *continuum* se redefine uma vez mais.

Havendo ainda, que se chegar a Bom Jesus do Norte para entregar Josué a seu pai, Dora barganha o custo do transporte, R\$10.00 por pessoa, daquela localidade até o destino almejado, com o motorista de uma camioneta que está levando fiéis à procissão local. Isto reincide sob a questão da intensidade e extrincidade do valor apostado a uma dada situação visto que R\$10.00 por pessoa, apesar de ser uma quantia intrinsecamente ínfima face à necessidade, era, para Dora, naquela conjectura naturalista, extrinsecamente exorbitante. A função já alterada se reforça em vista que o impotente se encontra cada vez mais vulnerável. Entretanto, há que se notar o espectro moral,

pois, apesar das dificuldades, deste ponto em diante, já não se cogita mais em abandonar a meta. O *continuum* passa a se solidificar quanto ao modo.

Louvando o "Bom Jesus das Candeias", a pequena caravana segue pelo sertão. Em dado ponto, há uma parada para descanso, onde se contra-põe o etéreo ao terrestre com a admissão à inferioridade humana perante o incógnito do firmamento, momento este que se denota quando Dora dá a Josué o lenço que Ana havia deixado sobre sua banca na Central do Brasil no dia em que morrera, dizendo-lhe: "Vai lá, moleque. Põe lá o lenço de tua mãe". Após receber o lenço, Josué o deposita junto a um pequeno altar ao ar livre com algumas velas a queimar. Denota-se o respeito.

Finalmente chegando ao destino, Dora e Josué buscam pela localidade endereçada na carta de Ana que jamais fora postada. Lá chegando, entretanto, Josué se depara com outro menino, fator que faz com que lhe reincida insegurança, desalento e frustração já que aquele outro crescera com a presença paterna que Josué tanto carece. O sentimento é de furto. Ainda que sem mais relutar, Dora sente constrangimento por ter que dar as notícias sem ser de fato relacionada aos eventos. Afeto ao questionamento da legitimidade, a existência do destino é posto em primeiro plano novamente. O *continuum* uma vez mais encontra-se sob mutação.

Em outra inesperada virada, o *continuum* se redireciona por que aquela família é, na realidade, a sucessora de Jesus naquele endereço. Rumam, então, Dora e Josué em busca de Jesus uma vez mais.

Dora e Josué retornam a Bom Jesus do Norte, lá chegando meio a uma procissão. A seguir, face à decepção uma vez mais, questiona-se a propriedade justaposta à finalidade. Dora, face a religiosidade, exposta através da imagem da procissão, depara-se com uma relação tríplice apresentada, desta vez, sob forma paradoxalmente cataclísmica, levando a mais um momento de ápice que alude a outra prévia relação tríplice: Dora, equacionando o primeiro elemento, indignada, a princípio, reluta conta a Providência, vindo posteriormente a atacar a mesma com incredulidade expressada através do questionamento da propriedade quanto à missão a ser desempenhada. Equacionando o segundo elemento, a probabilidade de que, caso, de fato, não haja a Providência, Dora se vê frente ao niilismo, para com o qual a mesma tem absoluta inaceitabilidade, o que a remete ao paradoxo do existencialismo; remontando, por sua vez, a premissa da questionabilidade quanto a proporcionalidade do castigo em relação ao pecado ou infração sob uma ótica intrínseca e auto-avaliatória, que constitui o elemento independente. Dora sucumbe à intensidade, fazendo-a permanecer fiel ao propósito, o que, transparecendo através do *modus operandis*, denuncia a inter-estabilidade dos vários elementos que mantêm a sustentabilidade do *continuum*.

Necessitando subsistir, Dora, a partir da iniciativa de Josué, passa novamente a escrever cartas e, desta vez e novamente por iniciativa de Josué, mensagens para serem "mandadas" para os santos. Arrolam-se novamente uma torrente de narrativas de âmbito intensamente emocional indicando que a natureza do assunto é inerentemente humana através do despojo geo-político-social. Caracteriza-se, contudo, o abuso da credulidade uma vez mais, entretanto, desta vez, com a mudança do agente operador. A Josué, no momento, como outrora a Dora, só interessa o dinheiro que virá a pôr no bolso no final do dia. Há uma refração quanto a coeficiente moral interno. Quem outrora

fora abusado agora passa abusar e quem outrora abusava passa a ter reservas quanto a intensidade do abuso a ser cometido. No final do dia, Dora e Josué vão passar a noite em um quarto de hotel, provento do dia de trabalho. Josué inicia a pôr as cartas no lixo. Dora o impede. A função se redefine.

No dia seguinte, antes de prosseguir a jornada em busca de Jesus, Dora vai ao correio local e posta todas as cartas, inclusive as para os Santos, reforçando uma intra-reestruturação moral.

A luta, manifestada através da busca por Jesus, simbioticamente aludindo às incertezas face a existenciabilidade de um Ser Supremo inerentes ao plano terrestre, prossegue. Chegando no outro destino, a frustração se repete ao verificar-se que Jesus não mais reside no endereço que lhes fora fornecido e que, desta vez, não se tem pista alguma de seu paradeiro. Dora, então, em retrospecto, narra sua mágoa em relação a seu pai por ter ele abandonado a família. Explica-se, então, a razão pela qual ela destinara a carta de Ana, a princípio, para o "purgatório". Aponta-se, então, nova relação tríplice: quem comente o abandono na figura generalizada do pai, quem é abandonado na figura generalizada da prole e o questionamento sobre a propriedade, e sua respectiva intensidade, do sofrimento decorrente de tal abandono.

Ao tentar regressar a Bom Jesus do Norte, Dora e Josué, mantendo em sigilo sua real identidade, são abordados por Isaías, filho mais velho de Jesus. Então, vem-se a saber que Jesus teve outros dois filhos, com uma mulher falecida antes de sua união com Ana, que se chamam **Moisés**, Caio Junqueira, e **Isaías**, Matheus Nachtergaele. Estes, por sua vez, sabem que Ana, a segunda mulher de Jesus, havia ido para o Rio de Janeiro com Josué "na barriga". Trazem, então, uma carta, endereçada a Ana, que havia chegado há cerca de seis meses para que Dora lhes leia a mesma. No texto, Jesus relata, além do o apreço que tem aos filhos, seu amor por Ana e o desejo de retornar ao lar, que havia ido para o Rio de Janeiro em busca de Ana, seu grande amor. Trata-se, entretanto, de uma carta escrita por Dora própria, no decorrer do seu ofício na Central do Brasil, o que, como uma bofetada, dá uma perspectiva finita ao desenrolar da estória fazendo com que Dora se dê conta de sua impotência quanto ao desempenhar a figura de Deus Pai perante o Próprio Deus Pai. Quem julgava-se na qualidade de docente é obrigado a subitamente perceber-se na qualidade de discente. O paradoxo direciona a uma resolução advinda da concepção de que, apesar de incógnito quanto à forma, há um plano etéreo que rege o terrestre e que o modo e a essência do mesmo, ainda que imprevisíveis, são necessariamente bons, pois do contrário há que se aceitar o niilismo.

Dora, agora com seus parâmetros internos rigidamente redefinidos, parte rumo ao desconhecido, deixando Josué sob a tutela dos irmãos mais velhos e assegurando-lhe que um dia seu pai irá retornar e será tudo aquilo que ele espera.

E de boa índole para com as crianças, sabe-se que Jesus é, pois durante várias instancias, vê-se Josué brincando com um peão feito artesanalmente de madeira, ofício do pai, Jesus, que fora, sem o conhecimento de ninguém, rumo ao Rio de Janeiro para se reencontrar com a ramo perdido de sua família.